

A violência do silêncio

Espectáculo ‘Hetero Sigilo’ nasceu de ataque homofóbico em 2023 e virou fenômeno nas redes sociais

O que custa para caber? Essa é a pergunta que move “Hétero Sigilo”, monólogo que Bernardo Dugin leva ao palco do Teatro Laura Alvim a partir de 6 de março. Não é um espetáculo sobre orientação sexual — é sobre o preço psicológico de viver sob a lógica do disfarce, a violência que começa no silêncio imposto pela sociedade.

A peça nasceu de uma experiência real. Em 2023, Dugin e seu namorado sofreram um ataque homofóbico durante uma missa de sétimo dia em Nova Friburgo. O episódio repercutiu



Bernardo Dugin em ‘Hétero Sigilo’, dramaturgia de sua autoria inspirada por um caso real

nacionalmente e transformou o padre responsável em réu por racismo qualificado. O Ministério Público do Rio pediu indenização por danos morais coletivos, reconhecendo o impacto daquela atitude. Mas para Dugin, o trabalho teatral não era sobre justiça

— era sobre compreender o sistema que permite ataques assim.

“O espetáculo não é sobre assumir uma orientação sexual. É sobre o que a gente precisa esconder para continuar existindo sem ser punido por isso”, diz o ator. Durante anos, ele viveu sob

a máscara de um personagem heterossexual que ele mesmo criou. O monólogo revisita essa experiência para expor como a heteronormatividade ensina a mentir, performar e se aprisionar.

Antes de chegar aos palcos, “Hétero Sigilo” funcionou como

projeto transmídia. Durante a Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ na Avenida Paulista, foi criada a “Caixa do Sigilo”, instalação onde pessoas relataram histórias reais de vidas vividas em anonimato. Nas redes sociais, o perfil @hetero.sigilo24 satirizou situações cotidianas do “sigilo”, alcançando quase 5 milhões de visualizações antes mesmo da estreia teatral.

A direção é de João Fonseca, responsável por sucessos como “Cazuza – Pro Dia Nascer Feliz, o Musical” e “Minha Mãe É Uma Peça”. “O que me interessa é que ele não aponta o dedo, ele expõe um sistema. É uma peça íntima, mas profundamente política, porque fala do preço que se paga para caber numa norma que adocece”, explica Fonseca. A trilha original e direção musical são de Federico Puppi, cuja música funciona como camada dramática contínua, ampliando silêncios e tensões da cena.

Dugin é diretor do Grupo TACA, coletivo com 50 anos de história no teatro fluminense. Participou de produções da TV Globo como “Mania de Você” e “Todas as Flores”, além de trabalhos no cinema. Mas “Hétero Sigilo” marca sua estreia como dramaturgo — e o resultado é um relato que aponta caminhos possíveis de coragem e pertencimento em meio à pressão de conformidade.

SERVIÇO

HÉTERO SIGILO

Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 – Ipanema)
Até 29/3, sexta e sábado (20h)
Ingressos: R\$ 60

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Carol Pires/Divulgação



Desempenho em questão

Últimos dias para assistir “Sociedade Do Cansaço”, em cartaz no Teatro Angel Vianna até domingo (29). Dirigido e coreografado por Alessandro Brandão e Sueli Guerra, o trabalho é baseado no livro homônimo de Byung-Chul Han e investiga a “sociedade do desempenho”, marcada por aceleração constante, ansiedade e depressão. O espetáculo resgata conceitos e culturas que se opõem a esse modelo de vida. Sem oferecer respostas fechadas, a obra abre espaços de reflexão e propõe novas formas de lidarmos com a contemporaneidade.

Divulgação



Obsessão por jogos

A comédia “Raspadinhas” encerra temporada neste domingo (29) no Espaço Abu, em Copacabana, até 29 de março. Estrelada por Alain Catein e dirigida por Daniel Dias Da Silva, a peça aborda a relação do brasileiro com jogos de azar através do humor e da crítica social. A trama acompanha uma família comum cuja rotina é transformada pela obsessão com raspadinhas. O espetáculo explora desde o tradicional jogo do bicho até as modernas plataformas de apostas digitais, refletindo o contexto atual em que as bets são cada vez mais acessíveis.

Luis Teixeira/Divulgação



Resiliência feminina

Com direção de João Fonseca, a peça “Cordélia Brasil” fica em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) até domingo (29). O clássico retorna em nova montagem que acompanha Cordélia (Paula Goja), em sua luta pela sobrevivência em uma quitinete. Trabalhando como auxiliar de escritório e se prostituindo para sustentar o marido Leônidas (Antonio Pina), ela enfrenta a inércia do companheiro e a miséria cotidiana. A chegada do jovem Rico (Pedro Pedruzzi) desestabiliza a relação do casal.